

A RELAÇÃO ENTRE DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO: A ESCOLA COMO LUGAR INCLUSIVO

Aurieslley Nablo da Costa Silva¹

Gabriel Pontes Silva²

Jheymisson kayron Pereira Almeida³

Silvana Bezerra Barros⁴

William França de Aguiar⁵

Josiane Sousa Costa de Oliveira⁶

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma observação participante que é conceituada como sendo uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais. Diante das singularidades dos discentes na sala de aula, o professor, quando na presença de uma diversidade de alunos, necessita desenvolver metodologias que envolvam a todos, estabelecendo o ensino inclusivo. Metodologias alternativas, como a elaboração de modelos didáticos, permitem a conexão entre teoria e prática e devem ser apreciadas e estimuladas pelas instituições de ensino. Assim, outras possibilidades educativas ligadas à diversidade podem ser planejadas pelo professor e construídas não só a partir de palestras ou aulas teóricas, mas também aliadas à arte, como artes plásticas, filmes, curtas-metragens, literatura adulta e infantil, entre outros. Tais recursos utilizados para fins didáticos podem contribuir para uma abordagem mais inclusiva que vai além de desenvolver por encaminhar a compreensão dessas ações como um instrumento de uma política mais abrangente. O trabalho revela que é necessário maior atenção para a inclusão escolar, atenção esta que pode ser traduzida em práticas e estratégias pedagógicas que se mostrem eficazes no processo de ensino-aprendizagem de alunos com baixa visão, a exemplo da confecção e utilização de modelos didáticos.

Palavras-chave: Inclusão, Metodologias alternativas, Professores, Diversidade.

INTRODUÇÃO

A relação entre diversidade e educação, perspectiva a escola como lugar inclusivo em conformidade com Sasaki (2013), quando afirma que a inclusão escolar é o processo de adequação da escola para os alunos que possam receber uma educação de qualidade.

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal - MA, s.nablo@acad.ifma.edu.br;

² Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal - MA, gpontes@acad.ifma.edu.br;

³ Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal - MA, p.almeida@acad.ifma.edu.br;

⁴ Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal - MA, s.bezerra@acad.ifma.edu.br;

⁵ Graduando do Curso de Ciências Biológicas do Instituto Federal - MA, william.f@acad.ifma.edu.br;

⁶ Professor orientador: Me, Instituto Federal - MA, josiane.oliveira@ifma.edu.br.



Para isso, devemos pensar que até mudarem para denominar as diferenças ressaltando o respeito, empatia e, assim, promovendo mudanças de atitudes em relação a essas diferenças.

Diante das singularidades dos discentes na sala de aula, o professor, quando na presença de uma diversidade de alunos, necessita desenvolver metodologias que envolvam a todos, estabelecendo o ensino inclusivo. O professor tornou-se um mediador do processo de ensino ao apontar situações problema em que os alunos foram conduzidos a pensar e discutir os conceitos pré-formados, comparando com os de seus colegas e, com isso, a constituir e construir o próprio conhecimento (GERPE 2020). Assim, é imprescindível o desenvolvimento de práticas que colaborem com esse processo nas aulas em geral.

A elaboração de materiais didáticos para inúmeras aulas, seja ela de biologia ou matemática, justifica-se pela escassez de estudos que englobam práticas inclusivas na sala de aula (SANTOS; MANGA, 2009; JORGE, 2010, BERTALLI, 2010, LOPES ET AL, 2012; OLIVEIRA, 2014). Além disso, parte dos materiais existentes são de difícil acesso devido a escassez de políticas públicas que não atendem aos professores e não contemplam a educação inclusiva.

Assim, outras possibilidades educativas ligadas à diversidade podem ser planejadas pelo professor e construídas não só a partir de palestras ou aulas teóricas, mas também aliadas à arte, como artes plásticas, filmes, curtas-metragens, literatura adulta e infantil, entre outros. Tais recursos utilizados para fins didáticos podem contribuir para uma abordagem mais inclusiva que vai além de desenvolver por encaminhar a compreensão dessas ações como um instrumento de uma política mais abrangente.

O uso de recursos didáticos é essencial na assimilação de conceitos científicos; ao se tratar de alunos com deficiência visual, por exemplo, esses recursos precisam estar adequados às suas necessidades de percepção visual. Metodologias alternativas, como a elaboração de modelos didáticos, permitem a conexão entre teoria e prática e devem ser apreciadas e estimuladas pelas instituições de ensino, uma vez que tornam mais eficaz o envolvimento do aluno com o tema em estudo, permitindo sua aprendizagem mais expressiva, uma vez que provocam uma motivação para o conhecimento (GERPE 2020).

Portanto, objetiva-se a importância de propor e utilizar essa ferramenta pelo que dizem Guimarães et al. (2002, p. 307): “modelos didáticos são construções teóricas que nos possibilitam uma aproximação mais sistemática do objeto de estudo e, dessa forma, da sua compreensão”. Os modelos didáticos são de grande importância para promover uma melhora significativa no processo inclusivo para a educação de alunos (considerando ainda os alunos

com deficiência visual). A produção e análise da aplicabilidade de um modelo didático bidimensional relacionado ao tema de embriologia como estratégia inclusiva para deficientes visuais em aulas de biologia, proporciona a identificação de conceitos inclusivos e adequados para uma aula mais dinâmica e com recursos que são essenciais e facilitam ao docente.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa conforme Marconi e Lakatos (2003) e com observação participante, pois segundo Moreira (2002, p. 52), a observação participante é conceituada como sendo “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais”. Somados ao debate provocado após a palestra e de posse dos dados obtidos com tais recursos foi feita a tabulação e análise de conteúdo produzido pelos alunos (BARDIN, 2011).

Para produzir os modelos didáticos, partimos dos trabalhos desenvolvidos por Vaz et al. (2012), em que se utiliza material como massinha e papel colorido; Lopes et al. (2012) aproveitam missangas coloridas; Jorge (2010) descreve em sua metodologia o uso de materiais com contraste áspero/liso, fino/espesso, barbante, missangas coloridas, palito e arame; Santos e Manga (2009) propõem em sua metodologia usar isopor preenchido por papel colorido e massa do tipo biscoito.

A atividade relatada aqui foi realizada na disciplina de Didática, ministrada pela Professora Me. Josiane Oliveira, tendo como proposta a produção de modelos didáticos, que aconteceu em três etapas:

1ª etapa: Avaliação prévia

Nessa ocasião, durante a explanação da disciplina, deliberamos pontos importantes sobre como a construção desses modelos didáticos podem ajudar e ministrar aulas de Biologia de maneira mais inclusiva.

2ª etapa: Construção dos modelos com materiais de baixo custo obtidos em casa

Nessa segunda etapa foi realizada a divisão da turma em equipes para a execução dos trabalhos. Modelos didáticos foram construídos com a finalidade de debater junto a turma como seria possível uma aula mais inclusiva. Esses modelos foram escolhidos pela sua relevância e por serem os mais abordados nos livros didáticos. Todo o processo realizado, desde a sondagem do assunto em uma roda de conversa até a produção dos modelos, foi

deliberado dentro da disciplina de didática e com a finalidade de construir jogos didáticos para facilitar o ensino aprendizagem de determinado assunto para a aula de ciências ou biologia.

É necessário apoiar novas metodologias para que a ciência possa se fazer mais presente no dia a dia de nossos alunos e para que seja plausível o desenvolvimento não apenas de aspectos cognitivos e científicos, mais também o desenvolvimento de valores éticos, ambientais e sociais para que os estudantes tenham capacidade de atuar de maneira justa e consciente na comunidade em que se encontram inseridos (GERPE 2020). Desse modo, o nosso grupo optou por confeccionar modelos que visa a inclusão de alunos que necessitam de uma participação mais ativa nas aulas. Para tanto, utilizamos os materiais a seguir:

Os materiais utilizados para produzir o desenvolvimento embrionário (Figura 1) foram: isopor, papel A4, barbante (cor vermelha), cola de isopor, biscuit e água. Primeiramente, para a produção do embrião, foi confeccionado em biscuit formas em 3D que lembra cada fazer da gestação. Cada etapa é colocada em sequência seguindo o procedimento do livro didático em questão para que não houvesse a perda de informações durante a aula ministrada.



Figura 1: Modelo didático estrutural embrionário.



Figura 2: Modelo didático estrutural embrionário (sequência).

3ª Etapa: Socialização do recurso didático e Avaliação da metodologia

Nessa etapa tivemos a participação ativa de professores do instituto que ministram outras disciplinas para avaliar o percurso da criação dos modelos didáticos com a finalidade de orientar sobre quaisquer melhorias no uso do recurso quando usado para ministrar determinado assunto (figura 03).



Figura 3: Orientação de como usar o recurso.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação é um direito de todos e deve ser orientada no sentido do pleno desenvolvimento e do fortalecimento da personalidade. O respeito aos direitos e às liberdades humanas, primeiro passo para a construção da cidadania deve ser incentivado. Educação inclusiva, portanto, significa educar todas as crianças em um mesmo contexto escolar. A opção por este tipo de educação não significa negar as dificuldades dos estudantes. Pelo contrário. Com a inclusão, as diferenças não são vistas como problemas, mas como diversidade. É essa variedade, a partir da realidade social, que pode ampliar a visão de mundo e desenvolver oportunidades de convivência a todas as crianças (MEDINA 2018).

A inclusão escolar é o processo de adequação da escola para todos os alunos que possam receber uma educação de qualidade, cada pessoa a partir de sua realidade quando chegam à escola, independente de raça, etnia, gênero, situação socioeconômica, deficiências, etc. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. É a escola que deve ser capaz de acolher todo o tipo de aluno e de lhe oferecer uma educação de qualidade, ou seja, respostas educativas compatíveis com as suas habilidades, necessidades e expectativas (SASSAKI, 2013).

Percebe-se a importância de propor utilizar essa ferramenta pelo que dizem Guimarães et al. (2002, p. 307): “modelos didáticos são construções teóricas que nos possibilitam uma aproximação mais sistemática do objeto de estudo e, dessa forma, da sua compreensão”. Em

algumas escolas, podemos nos deparar com escassez de material para a realização de aulas práticas.

Está recomendado que crianças e adolescentes devem ser inseridos na escola regular, independentemente de suas condições socioeconômicas (GERPE 2020). Dentre as distintas necessidades educacionais podemos citar: deficiência sensorial (auditiva e visual), deficiência mental (autismo e diversos graus de deficiência cognitiva), deficiências múltiplas (paralisia cerebral e outras condições), dislexia e superdotação, entre outras.

Para Justina e Ferla (2006), um modelo é uma construção, uma estrutura que pode ser utilizada como referência, que permite materializar um conceito, tornando-o assim diretamente assimilável. A modelização é introduzida como instância mediadora entre o teórico e o empírico. Em meio a essas dificuldades, temos utilizado materiais de baixo custo e, portanto, tem sido observado que com a utilização desses materiais facilmente adquiridos, é possível desenvolver aulas mais atraentes e motivadoras, nas quais os alunos são corresponsáveis na construção de seu próprio conhecimento. Os modelos didáticos são elementos facilitadores que professores e alunos utilizam para a inclusão, pois ajudam a vencer os obstáculos que se apresentam no difícil caminho da conceitualização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão de literatura mostrou que ainda são poucos os modelos didáticos que contemplam a necessidade de alunos com baixa visão. O trabalho revela que é necessário maior atenção para a inclusão escolar, atenção esta que pode ser traduzida em práticas e estratégias pedagógicas que se mostrem eficazes no processo de ensino-aprendizagem de alunos com baixa visão, a exemplo da confecção e utilização de modelos didáticos.

Percebe-se que a construção do material pode trazer um novo conceito para o que podemos definir como processo de aprendizagem. Professores e alunos se tornaram parceiros no desenvolvimento da construção do conhecimento, em que um apoiou o outro. A educação inclusiva compreende a educação especial dentro da escola regular e transforma a escola em um espaço para todos. Ela favorece a diversidade na medida em que considera que todos os alunos podem ter necessidades especiais em algum momento de sua vida escolar (MEDINA 2018).

O professor cria situações favoráveis e necessárias no processo de ensino ao apontar situações problema em que os alunos foram conduzidos a pensar e discutir os conceitos pré-

formados, comparando com os de seus colegas e, com isso, a constituir e construir o próprio conhecimento (GERPE 2020).

A forma de construção do material foi importante para a sua aplicação, uma vez que os alunos com baixa visão tiveram como manusear o material, utilizando do tato para identificar cada detalhe do modelo que lhe foi apresentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sala de aula afirma ou nega o sucesso ou a eficácia da inclusão escolar, mas isso não quer dizer que a responsabilidade seja só do professor. O professor não pode estar sozinho, deverá ter uma rede de apoio, na escola e fora dela, para viabilizar o processo inclusivo. Para crianças com necessidades educacionais especiais, uma rede contínua de apoio deveria ser providenciada, com variação desde a ajuda mínima na classe regular até programas adicionais de apoio à aprendizagem dentro da escola e expandindo, conforme necessário, à provisão de assistência dada por professores especializados e pessoal de apoio externo (MEDINA 2018).

O acesso à educação é um direito fundamental de todo cidadão, sendo de extrema importância para o desenvolvimento humano. Contudo, as pessoas com deficiência ainda encontram dificuldades para serem totalmente incluídas no sistema educacional. Assim, surge a necessidade da implementação da educação inclusiva, que implica em pensar o ambiente e a prática educacional de forma a possibilitar o acesso, a permanência e o aprendizado pleno dos estudantes com deficiência.

Os modelos didáticos são de grande importância para promover uma melhora significativa no processo inclusivo para a educação de alunos com deficiência visual, contemplando não só a disciplina de Biologia como também as demais disciplinas. Os materiais apresentados em sala mostram que quando o ensino de Biologia é intencionalmente planejado a partir da realidade do alunado, considerando sobretudo aqueles que possuem uma deficiência, a escola pode ser efetivamente um espaço inclusivo. Os assuntos de biologia por muitas vezes são complexos, repletos de ilustrações que impossibilitam ou dificultam a compreensão dos conteúdos para os discentes com deficiência visual

. A utilização de estratégias diferenciadas possibilita, portanto, a apropriação, participação e interesse ao conteúdo, auxilia na interação entre os alunos, desperta a curiosidade ao assunto, assim como se torna um importante mecanismo que auxilia no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70. 2011. Parte superior do formulário.

GERPE, Rosana Lima. Modelos didáticos para o ensino de Biologia e Saúde: produzindo e dando acesso ao saber científico. Revista Educação Pública, v. 20, nº 15, 28 de abril de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/15/modelos-didaticos-para-o-ensino-de-biologia-e-saude-produzindo-e-dando-acesso-ao-saber-cientifico>. Acesso em 18 de maio de 2022.

GUIMARÃES, E. M.; FERREIRA L. B. M. O uso de modelos na formação de professores de Ciências. 2º ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 3ª JORNADA DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFSC. Anais... Florianópolis, 2 a 4 de novembro de 2006.

JUSTINA, L. A. D.; FERLA, M. R. A utilização de modelos didáticos no ensino de Genética – exemplo de representação de compactação do DNA eucarioto. Arquivo Mudi, v. 10, nº 2, p. 35-40, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACÊDO, F. C. S.; EVANGERLANDY, G.M. Pesquisa: passo a passo para elaboração de trabalhos científicos. Teresina, 2018.

MEDINA, Yesenia. Os desafios da educação inclusiva: foco nas redes de apoio. FOLHA. Disponível em: <https://www.folhadonoroste.com.br/colunas/os-desafios-da-educacao-inclusiva-foco-nas-redes-de-apoio/>. Acesso em 20 de maio de 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Como chamar as pessoas que têm deficiência? Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados, ano I, n. 1, 1º sem. 2003, p.8-11. [Texto atualizado em 2013].

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano V, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9. [texto revisado e atualizado em 2013].

VAZ, J. M. C. et al. Material didático para ensino de Biologia: possibilidades de inclusão. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 12, nº 3, 2012.